

OSWALDO DE CAMARGO

O carro do êxito

Contos

Prefácio

Mário Augusto Medeiros
da Silva

Ilustrações

Marcelo D'Saete



Sumário

Prefácio — Buscas na vida rota, Mário Augusto Medeiros da Silva, 9
Nota do autor, 17

MENINO DO OBOÉ

Cadê o oboé, menino? Toca aí o oboé!, 21

CHÃO DE UM PRETO

Maralinga, 43

Niger, 48

Negrícia, 52

Por que fui ao Benedito Corvo, 61

Genoveva, 68

Medo, 72

Louçã, 79

Família, 89

Civilização, 95

Negritude, 106

Esperando o embaixador, 110

Eh, Damião!, 121

Plebeia, 126

Notas, 139

Prefácio

Buscas na vida rota

Mário Augusto Medeiros da Silva

O *carro do êxito* é a imagem de uma condução cheia de obstáculos e esperanças, de personagens que querem descobrir o que é possível ser na vida, apesar dela. Isso seria tema corriqueiro caso essas existências não fossem negras e vividas no Brasil. Assim, tais buscas existenciais têm que se confrontar, individual e coletivamente, com fantasmagorias do passado e do presente que assaltam a razão de viver, apostas de futuro, nas jogadas mais simples ou nas cartadas mais altas. Apesar de começos difíceis e desenrolares nem sempre à altura de suas próprias expectativas, as personagens insistem, e a cena do existir é aberta e móvel.

O universo infantojuvenil, mencionado tantas vezes ao longo do livro, em ambientes interioranos ou de clausura, encontra-se com o do adulto, com suas aventuras e decepções, passadas na metrópole. Por fim, a velhice é alcançada, com não menos desapontamentos. A voz narrativa privilegiada é da primeira pessoa e, na leitura, somos colocados no centro das experiências das personagens negras, no mundo dos brancos, no mundo dos negros, nos complexos cruzamentos que tais mundos vão assumin-

do pelas experiências dos sujeitos. A reiteração da palavra não é por falta de sinônimo. Os espaços negros e brancos se movem em atração e repulsão constantes, lado a lado, misturando-se apesar de tanto esforço para, especialmente do lado negro, procurar se isolar em lugares menos inóspitos. Mas estes não existem: as personagens estão condenadas a viver e a tentar descobrir de que espécie de elementos elas são feitas e se serão capazes de vencer na vida — a vida negra, no mundo dos brancos, que também é o seu, apesar de tudo.

Os narradores são, em essência, andarilhos, atravessados por deslocamentos, que são tanto físicos e geográficos — mudanças de casas, de cidades, em orfanatos, em apadrinhamentos para aposta numa vida melhor — quanto pela sensação aparente de estar fora de lugar, de não se sentir à vontade nos espaços que ocupam — no grande centro urbano, nos contatos do mundo dos brancos, por vezes explicitamente chamados de *Neurotic's House* em meio à “Civilização”. São sujeitos que procuram. E nessa busca incessante desse lugar ao sol, ou ao resguardo dele, exigem explicações para um estado de coisas e sentimentos do espírito que, quem sabe, somente um preto velho como Benedito Corvo seja capaz de explicar. Ademais, o deslocamento aparenta se resolver temporariamente quando a coletividade negra opera como lugar de aconchego, como “Família”, capaz de fornecer remendos à vida rota, pistas para quem trafega no carro, em busca do êxito. Tudo aparência, tudo circunstância, uma vez que as coisas não se resolvem assim, e Camargo é desconcertante ao explicitar que também esse lugar de acolhimento negro pode ser um jogo fechado, com cartas já marcadas para quem “chegou lá”, nada inclusivo, especialmente quando se está “Esperando o embaixador” ou quando se é um “Damião”. Sujeitos fora de lugar, mesmo que este lhes soe familiar.

A primeira edição do livro saiu em 1972, pela Livraria Mar-

tins, mesma casa editorial que publicara *Lira paulistana seguida de o carro da miséria* (1945), de Mário de Andrade, a que o título de Camargo se contrapõe. Algum comentário é importante acerca daquela edição: na capa, assinada por Genilson, aparecia um jovem negro de cabelo grande, estilo *black power*, sorridente, que dividia o desenho com o semblante de um homem, negro, de óculos e gravata, talvez um pouco mais velho, de perfil indefinido. Na contracapa, o jovem autor, aos 36 anos, de olhar fixo e sério, em terno e gravata. Essa atenção aos detalhes da primeira edição é importante pelo impacto visual, literário e político que a obra foi capaz de mobilizar entre alguns de seus leitores. Atente-se também ao contexto: foi publicada, com esse tema e marcas, num dos momentos mais brutais da ditadura civil-militar, que se recusava a reconhecer a existência do racismo e da discriminação contra negros no Brasil, enaltecendo, em vez disso, o mito da democracia racial.

Ainda houve uma segunda edição do livro, pela editora Córrego, em 2016, quando então o autor modificou ou acrescentou contos, como “Menino do Oboé” (originalmente “Oboé”, em 1972), a parte “Chão de um preto”, “Eh, Damião!” (originalmente “Damião”, em 1972) e “Plebeia”; ou os excluiu, como o caso de “Deodato”. Além disso, na capa da Córrego, assinada pelo artista Marcelo D’Salette (que também fez as ilustrações internas, reproduzidas nesta edição), há uma remissão interessante à obra de estreia de Camargo, *Um homem tenta ser anjo* (1959), livro de poemas de dramas existenciais e religiosos, seguido por *15 poemas negros* (1961), publicado na série Cultura Negra, da Associação Cultural do Negro (ACN), e prefaciado pelo sociólogo Florestan Fernandes, marcado pela experiência da vida negra e pelo espaço associativo.

Tanto pela maneira como *O carro do êxito* se apresentava fisicamente, em particular em 1972, como pelos temas tratados,